

O que pode acontecer a países que não pagarem suas dívidas

Reali Júnior, nosso correspondente em Paris.

Os países mais endividados do mundo que não honrarem integralmente seus compromissos externos, nas condições em que foram negociados, não se curvando dessa forma às exigências atuais de seus credores, poderão ser colocados no banco dos réus pelos países ricos. Isso quer dizer que os países credores poderão bloquear todos os bens dos países devedores no Exterior, promovendo, até mesmo, o seqüestro de navios e aviões desses países e suspendendo também a entrega de mercadorias de que têm necessidade, incluindo medicamentos.

A ameaça, citada recentemente pelo jornalista francês Paul Fabra, foi ontem confirmada pelo economista Charles Bettelheim, diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris.

Projetos desse tipo, segundo ele, fazem parte do arsenal de planos dos bancos norte-americanos, constituindo por enquanto apenas uma ameaça que só seria aplicada

em última instância. Coincidente mente, essa lembrança ocorre quando são divulgadas em Paris informações segundo as quais setores da esquerda brasileira estariam pressionando o governo da chamada "Nova República" para suspender unilateralmente o pagamento dos juros da dívida externa, rejeitando também uma redução das despesas públicas, um dos itens que faz parte do rol de exigências do FMI para o reescalonamento da dívida.

Cita-se, por exemplo, a declaração do deputado Francisco Pinto (PMDB-BA), um dos integrantes desse grupo, favorável à suspensão do pagamento dos juros e da abertura de um inquérito para se saber o que, nessa dívida, é legítimo ou não, levantando-se a parte que corresponde ao pagamento de comissões ilícitas.

Charles Bettelheim explica, entretanto, que se os norte-americanos mantêm projetos dessa nature-

za, outros países industrializados podem ter, levando em conta seus próprios interesses, uma atitude bem diferente. Ele cita a França e alguns países nórdicos, lembrando que existem capitalistas e dirigentes políticos que encaram de outra forma as relações internacionais, os laços entre Norte e Sul, e o próprio desenvolvimento econômico mundial.

Este grupo dificilmente apoiará os banqueiros dos EUA, preferindo manter boas relações com os países do Terceiro Mundo que procuram honrar seus compromissos internacionais, ainda que por caminhos que não sejam do agrado dos banqueiros norte-americanos ou de organismos internacionais sob influência dos EUA.

Na opinião do especialista francês, os países devedores não devem acreditar que a única saída é a submissão ao desejo dos credores norte-americanos, pois eles dispõem, hoje em dia, de margem de mano-

bra e de possibilidades de negociação.

Outro aspecto levantado por Bettelheim é que os créditos concedidos pelos bancos, entre 1974 e 1982, pouco contribuíram para desenvolver efetivamente as nações mais pobres, beneficiando amplamente as camadas mais ricas da população desses países, facilitando a exportação de seus capitais.

Ontem, a imprensa francesa tratou das primeiras divergências no interior do governo do presidente José Sarney, onde uma área do PMDB começou a criticar severamente o programa econômico adotado pelo ministro Francisco Dornelles, após seu depoimento na Câmara dos Deputados sobre a situação do País, definindo um quadro econômico caótico, muito mais sério do que se acreditava. Esse grupo de esquerda do PMDB rejeita os remédios adotados, acreditando que aumentarão ainda mais a recessão no País.